

Opúsculo dos Mortos-Vivos: estigma e representação da lepra em periódicos brasileiros de início do século XX



RESUMO

Este artigo pretende analisar a representação da hanseníase em periódicos brasileiros das primeiras décadas do século XX, a fim de compreender a histórica associação dos leprosos à figura dos mortos-vivos, relacionada a arquétipos da impureza e do contágio. Nesse sentido, a análise e a interpretação das fontes – a saber, jornais e revistas de ampla circulação – revelam que era lugar-comum descrever os portadores da hanseníase não como doentes, mas como objetos de horror ou monstros e toda a sorte de epítetos pejorativos, referindo-se a esses indivíduos como seres fétido, podres e deformados, capazes de infligir medo, cometer malefícios e transferir sua condição de impureza através do contágio. Esta representação, que remonta à Antiguidade, era ainda recorrente no início do século XX, quando, em face do horror e da ameaça que a doença supostamente interpunha à modernização do Brasil, os periódicos defendiam rigorosas medidas sanitárias e de controle social, que incluíam políticas de segregação e confinamento. Então, via-se os leprosos como obstáculos para os preceitos higienistas da sociedade moderna; e, uma vez que os impressos reproduziam os valores burgueses, reforçavam constantemente representações calcadas no estigma e no preconceito.

Palavras-chave: Representação da lepra; Hanseníase; Horror; Imagem da morte; Mortos-Vivos.

* Doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGACL/UFJF).
CV: <http://lattes.cnpq.br/5381739245968703>

Digest of the Living Dead: leprosy stigma and representation in early 20th century's Brazilian periodical publications

ABSTRACT

This paper intends to analyze Hansen's disease representation in Brazilian periodical publications from the early decades of the 20th century, in order to understand the historical association of the lepers with the figure of the living dead, related to impurity and contagion archetypes. In this sense, analysis and interpretation of documents – namely newspapers and magazines from that period – reveal the commonplace of describing the affected not as sick people, but as objects of horror or monsters with all sorts of pejorative epithets, referred to as fetid, rotten, and deformed beings, capable of fear inflicting and carrying out evil deeds. Dating back to antiquity, such representation was still in vogue at the beginning of the 20th century, when, in face with the horror and threat that such disease allegedly posed to Brazil's modernization, the periodical publications advocated for strict measures such as sanitation and social control, which included segregation and confinement policies. Then, the lepers were seen as obstacles to modern society's hygiene goals; and, since the Press used to reproduce bourgeoisie values, it constantly reinforced representations based on stigma and bigotry.

Keywords: Leprosy Representation; Hansen's Disease; Horror; Image of Death; Living Dead.

Gaceta de los Muertos Vivientes: estigma y representación de la lepra en periódicos brasileños de principios del siglo XX

RESUMEN

Este artículo pretende analizar la representación de la lepra en periódicos brasileños de las primeras décadas del siglo XX, con el objetivo de comprender la histórica asociación de los leprosos con la figura de los muertos vivos, vinculada a arquetipos de impureza y contagio. En este sentido, el análisis e interpretación de las fuentes —a saber, periódicos y revistas de amplia circulación— revela que era común describir a los portadores de lepra no como enfermos, sino como objetos de horror o monstruos, acompañados de todo tipo de epítetos peyorativos, refiriéndose a estos individuos como seres fétidos, podridos y deformes, capaces de infundir miedo, cometer maleficios y transferir su condición de impureza a través del contagio. Esta representación, que se remonta a la Antigüedad, seguía siendo recurrente a principios del siglo XX, cuando, ante el horror y la amenaza que supuestamente imponía la enfermedad a la modernización de Brasil, los periódicos defendían rigurosas medidas sanitarias y de control social, que incluían políticas de segregación y confinamiento. Así, los leprosos eran vistos como obstáculos para los preceptos higienistas de la sociedad moderna; y, dado que los impresos reproducían los valores burgueses, reforzaban constantemente representaciones basadas en el estigma y el prejuicio.

Palabras clave: Representación de la lepra; Hanseniasis; Horror; Imagen de la muerte; Muertos vivos.



A morte e o retorno dos mortos

É sabido que o imaginário da morte constitui parte essencial e universal das crenças religiosas, como nos informa Jean-Claude Schmitt (1999, p. 15). Todavia, se tais crenças variam de acordo com as estruturas e o funcionamento das sociedades em determinada época – ou do seu “conteúdo cultural”, nas palavras de Keith Thomas (1991, p. 482) –, diz-se que os indivíduos atribuem aos mortos representações do que esperam para si próprios. O *fantasma*, por exemplo, existe no imaginário de diferentes culturas ao redor do mundo; é, via de regra, “aquele que retorna dos mortos e assim perturba o fluxo normal do tempo, da vida e da morte” (Felinto, 2008, p. 21), embora seja uma entidade “polimorfa, espectral e mutável” (idem, p. 20). Na cultura popular de diferentes partes do mundo “os fantasmas podem expressar uma ampla variedade de questões sociais, manifestando-se com frequência em contextos metafóricos e alegóricos com vistas a representar temas culturalmente relevantes” (Felton, 2014, p. 251). Em se tratando de “figuras liminares”, também podem representar “as experiências de povos deslocados e marginalizados” em culturas e épocas distintas (Felton, 2014, p. 251), posto que são entidades “das margens”, que habitam “no território impreciso *entre* a vida e a morte” (Felinto, 2008, p. 21). Os mortos-vivos – categoria que abarca diferentes monstros, tais como vampiros, múmias, zumbis, entre outros, provenientes do além-túmulo – surgem como figuras igualmente intersticiais, pois transcendem as fronteiras entre a vida e a morte. Sarah Juliet Lauro e Karen Embry observam que, assim como os fantasmas e “todas as coisas que se pode temer, [os mortos-vivos] são produtos da cultura que os molda, e trazem em seus mitos a marca de condições sociais existentes” (2008, p. 100-101). Porém, ao contrário daqueles, estes nos amedrontam devido à sua materialidade e à sua fisicalidade.

O medo dos mortos, relacionado ao medo da própria morte, é igualmente universal. David Flint nos lembra que mitos sobre os mortos existem há milênios, tanto quanto o temor de que possam voltar à vida (2013, p. 13), noção com lastro no imaginário. O morto-vivo representa parte importante do sistema de crenças afro-caribenhas, a exemplo dos *corps cadavers* (“corpos que andam”) da Martinica e do “zumbi”¹ do vodou haitiano, termo que designa “uma pessoa que se acredita estar morta e ter sido reanimada à revelia de sua vontade” (Cohen, 2014, p. 622). Se tais figuras mitológicas eram realidades aceitas no pensamento religioso local, exploradores e viajantes europeus atribuíram às mesmas, ao longo do século XIX, atos orgiásticos de canibalismo e selvageria, numa perspectiva eurocêntrica, imperialista e notoriamente racista.² A dimensão antropológica e universal do retorno dos mortos também percorre a tradição ocidental “desde a Antiguidade, na Idade Média e até no folclore contemporâneo” (Schmitt, 1999, p. 17); mas foi no início do século XIX que a Europa assistiu a uma “exaltação da morte” no Romantismo (Ariès, 2003, p. 206), o que levou ao florescimento das histórias de mortos que saem da tumba e vagam por cemitérios, a exemplo dos monges esqueléticos de *El Miserere*

¹ Termo originário da religião afro-caribenha do vodou. Em sua etimologia derivada do quimbundo, a palavra relaciona-se à ideia do morto que se ergue da sepultura e denota a importância do conceito da ressurreição no interior dessa religiosidade (Page & Ingpen, 1985; Dendle, 2001).

² Essa perspectiva, cabe ressaltar, deturpou a realidade cultural afro-americana e ignorou suas nuances.

(1862), de Gustavo Adolfo Bécquer.³ Nesse espírito nasceu o romance gótico,⁴ povoado de velhas edificações em ruínas, assombrações e corpos em decomposição. Tais histórias logo se popularizaram. Afinal, conforme Schiller ressaltou no ensaio *Sobre a arte trágica* (1792), “é um fenômeno geral na nossa natureza que aquilo que é triste, terrível, até horrendo nos atraia com irresistível fascínio; que nos sintamos repelidos e atraídos com a mesma força por cenas de dor e terror” e que devoremos com avidez histórias de espectros de arrepiar os cabelos (*como citado em* Eco, 2007, p. 282). Da mesma forma, os esforços da arte em representar o feio devem-se ao fato que, “por mais marginal que seja, sua voz tenta recordar que há neste mundo algo de irredutível e maligno” (Eco, 2007, p. 436).

O horror, enquanto gênero narrativo, também se cristalizou na Europa ocidental durante o século XIX. Suas convenções incluem elementos ameaçadores ou inquietantes, conceito este relacionado à experiência-limite decorrente do encontro com o *monstro* (Weinstock, 2014, p. 2), ele próprio uma condição necessária do horror (Carroll, 1999, p. 28). Incluem também a noção de *mundo tornado estranho*, a qual Wolfgang Kayser relaciona ao grotesco (1986, p. 159). Este, por sua vez, pressupõe a falha das categorias de nossa orientação no mundo, o que resulta em processos de dissolução persistentes: a mistura de domínios dicotômicos, a abolição da estética, a perda de identidade, a distorção das proporções naturais e assim por diante (Kayser, 1986, p. 159). Podemos aproximá-lo do *estranho*, sentimento afetivo desencadeado por uma variedade de experiências que nos levam a questionar nossa compreensão acerca do funcionamento do mundo (Freud *como citado em* Weinstock, 2014, p. 2). É o caso do encontro com o monstro, cuja aparição, enquanto plasmação do grotesco, contradiz “todo racionalismo e qualquer sistemática do pensar” (Kayser, 1986, p. 161), pois torna evidente a existência de forças desconhecidas, ocultas e inexplicáveis que governariam o universo (Carroll, 1999, p. 235).

Para o propósito do “horror artístico”, na definição de Noël Carroll, pode-se explorar o aspecto abjeto e repelente do monstro; todavia, o paradoxo do horror anuncia uma ambivalência identificada em seus objetos, “que são nojentos e fascinantes, repelentes e atraentes, em razão de sua natureza anômala” (1999, p. 267). A despeito de seu aspecto horrífico, o monstro também surge, portanto, como objeto de fascínio. Se em *Crítica da faculdade do juízo* (1790) Kant afirma que a feiura provocativa de repulsa não se pode representar sem que se destrua qualquer prazer estético (*como citado em* Eco, 2007, p. 282), esse limite foi superado com o Romantismo.⁵ A beleza deixou de ser a ideia dominante de estética e o sublime prevaleceu, nas palavras de

³ Bécquer, G. A. (1862, 17 de abril) El Misere. *El Contemporáneo* (nº 99). Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-miserere/html/c058d34e-a0fa-11e1-b1fb-00163ebf5e63_2.html.

⁴ Discurso literário iniciado por romancistas ingleses na segunda metade do século XVIII, frente aos dilemas da modernidade e às transformações decorrentes da Revolução Industrial – a urbanização, a quebra dos laços tradicionais e a desilusão com os ideais racionalistas do Iluminismo. A *decadência* é um de seus principais temas, seja ela arquitetônica, moral, biológica, ontológica ou psíquica (McGrath, 1997, p. 154).

⁵ Para Michael Löwy, o Romantismo deve ser compreendido não apenas como uma escola literária do século XIX – evocativa do pitoresco, do sublime, das ruínas, da recusa do progresso e da volta ao passado –, mas como “algo muito mais vasto e profundo: a grande corrente de protesto contra a civilização capitalista/industrial moderna, em nome de valores do passado, que começa no século XVIII com Rousseau e que persiste, passando pela Frühromantik alemã, pelo simbolismo e pelo surrealismo, até os nossos dias” (Löwy & Sayre, 2001, p. 83).

Nietzsche, enquanto “sujeição estética do horrível” (como citado em Eco, 2007, p. 276), ainda que a atração exercida pelo horror artístico, em analogia com o sublime, seja questionável (Carroll, 1999, p. 300). Nossa relação com as doenças é exemplo do paradoxo do horror, pois, ao passo que elas podem evidenciar os processos de dissolução supracitados, enquanto signos da decadência e prenúncio da morte, também configuram objetos aterrorizantes e inquietantes, capazes de provocar deleite e exercer forte atração. Disse Nietzsche que, na esfera de tudo o que é triste e horrendo, os “doentes e fracos têm a seu favor a fascinação” (l.s.d.), p. 282). Não obstante, Eco nos lembra que “a doença carrega consigo a feiura” (2007, p. 302). Nas palavras de Karl Rosenkrantz:

A doença é sempre causa de feio quando comporta a deformação de ossos, esqueleto e músculos, como a tumefação dos ossos na sífilis, nas devastações gangrenosas. E igualmente quando tinge a pele, como na icterícia, quando cobre a pele de exantemas, como na escarlatina, na peste, em certas formas de sífilis, na lepra, no herpes, no tracoma. As mais horrendas deformidades advêm, sem dúvida, da sífilis, pois ela não causa apenas erupções nauseabundas, mas também chagas putrescentes e devastações ósseas. Exantemas e abscessos são assimiláveis ao bicho-geográfico, que escava seus sinais sob a pele; são, em certa medida, indivíduos parasitários, cuja existência contradiz a natureza do organismo como unidade e na qual ele se desintegra [...]. De uma maneira geral, a doença é causa do feio quando modifica de modo anormal a forma (Rozenkrantz como citado em Eco, 2007, p. 256).

Estas poderiam, muito bem, ser descrições de monstros das histórias de horror, já que os “seres horríficos estão muitas vezes associados à contaminação – doenças, enfermidade e peste” (Carroll, 1999, p. 46). Nos periódicos de início do século XX, era lugar-comum referir-se aos portadores da hanseníase como cadáveres ambulantes, bem como denominá-los de “monstros”, “infelizes”, “malditos” e toda sorte de epítetos pejorativos. Diante disso, o presente artigo parte de um levantamento de notícias acerca do universo da saúde, das doenças e da morte, as quais, veiculadas em jornais e revistas brasileiros de várias localidades, nos permitiram refletir acerca do estigma da hanseníase, da noção de impureza a ela associada e da ubiquidade dessa forma de representação, presente em diferentes partes do mundo. Todavia, é necessário ressaltar que o termo “leproso” será utilizado em algumas passagens do texto, mas sempre de forma contextualizada, sem aquiescer às conotações pejorativas e estigmatizantes que definiram seu uso.

Sob o signo da impureza: a hanseníase como objeto de horror

No imaginário ocidental, os mortos-vivos costumam representar toda sorte de epidemias e infecções de difícil erradicação (Dendle, 2001; Reis Filho, 2012). Em última análise, são *representações da morte*, tanto quanto aquelas mencionadas por Ariès; a saber, as imagens de decomposição e da doença no fim da Idade Média, o esqueleto ou a múmia dos séculos XIV e XV e o leproso (2012, p. 222). Este, não por acaso, foi historicamente associado ao morto-vivo – o que revelam as fontes históricas analisadas. A hanseníase, outrora

conhecida como *lepra* ou *morfeia*, caracteriza-se pelos sintomas transformativos do corpo humano, que resultavam em feridas, deformidades e decomposição aparente. Na segunda metade do século XX, os mortos-vivos ressurgiram na literatura e no cinema estadunidense, remodelados; afastados das suas origens folclóricas – mas nunca do termo “zumbi”, como ficariam popularmente conhecidos –, passaram a ostentar uma aparência muito semelhante à representação horrífica dos portadores da hanseníase: tornaram-se cadáveres ambulantes de corpo disforme, gangrenoso, em estado avançado de decomposição, que ameaçam as pessoas sãs de contágio ou de violência atroz, posto que as atacam e se alimentam de carne humana. Enquanto construtos simbólicos e alegorias sociais, expressam de forma ainda mais explícita os medos da doença, da destruição física e da morte aparente (Reis Filho, 2012), representação esta que se fundamenta nas estruturas para a construção do monstro. Em primeiro lugar, na relação entre a aparência desse personagem com a impureza que o cerca, ou a ele inerente. Esta, na definição de Carroll, trata-se da “metonímia do horror”, isto é, da convenção de que o monstro possui um aspecto quase invariavelmente abjeto, marcado pelos signos da imundície, da sujidade, da degeneração, da podridão etc.⁶ Por vezes, as fontes analisadas referem-se aos hansenianos não como portadores de uma doença, mas como seres fétidos, apodrecidos e deformados, capazes de infligir medo e cometer toda sorte de malefícios, o que inclui transmitir sua condição às pessoas sãs.

A ideia de contágio também evoca o tropo da “*massificação*” (Carroll, 1999, p. 73), que denota a multiplicação e a proliferação dos monstros; neste caso, por meio da disseminação da doença. De acordo com Luiz Nazário (1998), um dos motivos para os mortos retornarem ao convívio social, no universo imaginário, seria justamente a necessidade de arrebanhar novos companheiros de tumba, e assim multiplicarem-se. Os vampiros fazem isso através da contaminação do sangue; os lobisomens e os zumbis, através da mordida e da devoração do corpo; ou seja, é por meio do contágio que transferem seu caráter impuro. Por consequência, “quando se processa num corpo humano, a transformação implica na perda de identidade e/ou caráter, na degradação física e/ou moral”, porque “a vítima escapa das leis naturais da condição humana para ver-se submetida a leis estranhas, ditadas com sinistra regularidade por uma lógica sobrenatural” (Nazário, 1998, p. 40). Esse processo afeta um indivíduo que depois transmitirá para outro sua condição por meio do contágio. Finalmente, o que torna os mortos-vivos – e os hansenianos, por extensão – mais aterrorizantes do que outros monstros é o fato de sua semelhança com os humanos nunca desaparecer (Paffenroth, 2006, p. 9). Em ambos os casos, se a doença é causa do feio quando modifica de modo anormal a forma, a abjeção e a monstruosidade inscrevem-se no corpo.

A associação dos hansenianos com os mortos-vivos denota, sobretudo, arquétipos da impureza, os quais o próprio nome da doença passou a abranger, conforme S. G. Browne destaca. Embora a denominação “lepra” remonte à Antiguidade, quando se referia à descamação e à vasta gama de doenças de pele, no primeiro século da era cristã o termo

⁶ Metonímia é figura de retórica que consiste no emprego de uma palavra por outra com a qual se liga por uma relação lógica ou de proximidade. Em relação ao horror, Carroll refere-se ao *horror artístico*, gênero que se cristalizou na literatura do século XIX e, desde então, atravessa várias mídias e formas artísticas (1999, p. 28).

grego substituiria o hebraico *tsara'ath*, cujas conotações ritualísticas estavam presentes no aramaico *tame*; este, por sua vez, significava *impuro* e servia de alerta quanto à aproximação dos apartados da sociedade (Browne, 1975, p. 486). De acordo com Mary Douglas (1991), a reflexão sobre a impureza refere-se ao cuidado com a higiene e ao respeito às convenções próprias da sociedade Ocidental, ao passo que evoca uma série de dualidades simbólicas, porém antagônicas: a ordem e a desordem, o ser e o não-ser, a forma e a sua ausência, a vida e a morte. Pelo prisma da ordem, a impureza seria essencialmente seu oposto; seria, portanto, um compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados, "símbolo de perigo e poder" (1991, p. 114). Ademais, a noção se aproxima dos sistemas domínio simbólico, dado que "nunca é um fenômeno único, isolado. [...] Ela é o subproduto de uma organização e de uma classificação da matéria, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados" (1991, p. 50). Consequentemente, o impuro surge como *anomalia*, isto é, um elemento "que não está no seu devido lugar" e "que não se insere numa dada série ou num dado conjunto"; tampouco pode ser inserido se se espera manter a ordem (1991, pp. 52; 55). Essa concepção deriva dos novos paradigmas científicos que se estabeleceram a partir de meados do século XIX. A esse respeito, a autora afirma que

As nossas ideias sobre impureza estão dominadas pelo nosso conhecimento dos organismos patogênicos. No século XIX descobriu-se que as bactérias transmitem doenças. Esta grande descoberta esteve na origem da evolução mais radical da medicina. Transformou de tal maneira a nossa existência que hoje nos é difícil pensar na impureza sem evocar de imediato o seu caráter patogênico (Douglas, 1991, p. 50).

À medida que a ciência moderna desenvolvia novos medicamentos e métodos profiláticos, almejando desenvolver a cura para uma doença até então obscura e misteriosa, a sociedade se voltava para antigas práticas com vistas a repelir os hansenianos, apartando-os da sociedade dita "normal". A segregação e reclusão tinham implicações perversas, pois os doentes "passavam a conviver com indivíduos portadores de outras enfermidades, os quais, ao cabo e ao fim, adquiriam a hanseníase e vice-versa" (Santos et al., 2008, p. 168). Hoje, podemos compreender tais práticas na perspectiva foucaultiana da "biopolítica", tecnologia do poder preocupada não apenas com as epidemias – desastres temporários que têm assolado os poderes políticos desde a Idade Média, quando todos pareciam estar sob o risco de morte iminente –, mas, principalmente, com as *endemias*, isto é, "a forma, a natureza, a extensão, a duração e a intensidade da doença prevalente em uma população" (Foucault, 1997, p. 244). Nessa categoria incluem-se as doenças difíceis de serem erradicadas, "consideradas não como epidemias causadoras de mortes frequentes, mas como fatores permanentes que [...] minavam o vigor da população" (Foucault, 1997, p. 244). Este é, certamente, o caso da lepra, cujo estigma e o caráter horrífico a ela historicamente associados foram descritos por John Jackson no início do século XX, em *Lepers: thirty-six years' work among them* (1910):

Em toda a longa procissão dos tempos, não há figura verdadeiramente mais trágica do que a do leproso. Inspirados tanto pela associação

tradicional como pelo horror natural, os homens afastaram-se dele como uma criatura isolada de todos os interesses da humanidade sadia. Seu copo está cheio de amargura e inclui todos os ingredientes da tristeza. Doença repugnante e duradoura; expulsão de casa e da cidade; perda de direitos sociais e legais; tudo isso, junto da consciência de que ele é um pária e que a vida não lhe traz esperança, combina-se para fazer da sorte do leproso a própria quintessência da miséria e do desespero. Na verdade, a própria palavra tornou-se sinônimo de tudo o que é asqueroso e repulsivo (Jackson, 1910, p. 1).⁷

A representação do hanseniano como “criatura isolada” e fonte de “horror natural” parece ter sido recorrente em diferentes épocas e lugares, conforme Jackson atesta – e parece até mesmo naturalizar – em seu livro. Mais tarde, em dezembro de 1930, a revista carioca *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado* esboçou um quadro semelhante na matéria “O horror pela lepra através dos séculos”. Naquele momento, a doença que “atemorizou as imaginações”,⁸ conforme se lê, ainda não era um flagelo extinto e temia-se um novo despertar, perigo este que os médicos Leloir e Besnier⁹ já haviam denunciado em 1897, em uma conferência realizada na capital alemã. À luz do conhecimento científico então disponível, a matéria descreve o “horror da lepra” e seus efeitos transformativos do corpo humano: diz que a doença, muito variada em suas manifestações, caracterizava-se essencialmente pelas alterações na pele, principalmente com o aparecimento de manchas de cor escura e a formação de protuberâncias ou tubérculos que “enfeiam a fisionomia”. As lesões iniciais tendiam a se agravar conforme a pele perdia a sensibilidade; a fadiga e torpor físico subsequentes indicavam que o sistema nervoso fora atingido; os olhos tornavam-se pontos de inflamações purulentas, que levavam à cegueira. Finalmente, os músculos e o próprio esqueleto atrofiavam e gangrenavam. Disso decorriam deformações e mutilações. Em alguns casos, um membro corroído desprendia-se e caía. A conclusão é que a marcha da lepra é vagarosa, porém inexorável, e resulta na morte.¹⁰

Dado que a hanseníase afeta a pele, os nervos periféricos e as membranas da mucosa, e possui vasta gama de possíveis manifestações clínicas, tais como lesões cutâneas simétricas, nódulos, placas, espessamento da derme e frequente acometimento da mucosa nasal,¹¹ a descrição da matéria supracitada destaca o aspecto grotesco da transformação fisionômica,

⁷ “In all the long procession of the ages there is no more truly tragic figure than that of the leper. Inspired both by traditional association and by natural horror, men have shrunk from him as a creature cut off from all the interests of healthy humanity. His cup is full to the brim with bitterness and includes in it every ingredient of sorrow. Disease both loathsome and lifelong; expulsion alike from home and city; forfeiture of social and legal rights; all these, together with the consciousness that he is an outcast and that life holds for him no hope, combine to make the lot of the leper the very quintessence of misery and despair. Indeed, the very word has become the synonym for all that is foul and repulsive”. Tradução do autor.

⁸ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado* (nº 163), p. 73. Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort. O local de consulta não se repetirá nas próximas ocorrências desta fonte. Este periódico também está disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>.

⁹ O texto jornalístico refere-se aos franceses Henri Leloir, autor de *Traite pratique et theorique de la lepre* (1886), e Ernest Besnier, que ministrou em Berlim a palestra “*Sur La Lèpre, Rôle Étiologique. de l’Hérédité. de la Transmissibilité, Nosologie Générale – Prophylaxie*”.

¹⁰ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 76.

¹¹ Dados de acordo com: <https://www.cdc.gov/leprosy/about/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

enfatizando o “horror natural” desse processo, nos termos de Jackson. O referido conceito é mencionado brevemente por Carroll, que não o desenvolve, mas parece atribuí-lo àqueles eventos ou experiências tidos como mais realistas, em contraste com o “horror artístico” das histórias de monstro, por exemplo (1999, p. 27). Não por acaso, era comum os portadores da hanseníase acreditarem que a haviam contraído apenas quando a doença se manifestava na sua forma cutânea mais adiantada, “que transforma, que transfigura, que aniquila a fisionomia individual” (Mendonça *como citado em Santos et al.*, 2008, p. 172). Nesse estágio,

o bacilo [Mycobacterium leprae] se multiplica de maneira rápida. A mão em forma de garra é assinalada nas descrições da patologia, assim como as lesões ósseas e articulares, as mutilações pela destruição e a perda de parte ou totalidade dos dedos. São frequentes, ainda, a úlcera da sola do pé e a atrofia dos músculos da face (Santos et al., 2008, p. 172).

Ao inferir que os sintomas da hanseníase “enfeiam a fisionomia”, a matéria supracitada nos remete à ideia de que “a doença é causa do feio quando modifica de modo anormal a forma” (Rozenkrantz *como citado em Eco*, 2007, p. 256), ao mesmo tempo que associa os enfermos a objetos de horror, uma vez que a doença, “entendida como símbolo carnal do pecado, desfigura-lhes os traços, quase dissolvendo sua aparência humana” (Ginzburg, 1991, p. 50). Essa representação também encontra ecos na literatura. Na pena de Chaucer, o “feio rosto do leproso” foi outrora “branco feito a flor de lírio” (*como citado em Jackson*, 1910, p. 2). Se a abjeção e a monstruosidade estão inscritas no corpo, que se assemelha ao de um cadáver em decomposição, o hanseniano representa não apenas o inexorável medo da morte; ele próprio é uma imagem da morte. Todavia, segundo Kayser, o grotesco se refere mais à angústia de viver, não a esse medo em si (1986, p. 159). Na definição do artigo da *Eu Sei Tudo*, o sentimento em questão é o *flagelo da lepra*, cujo nome “ficou nas tradições populares como o símbolo dos piores sofrimentos físicos e morais”.¹² Não obstante, sabemos que o grotesco efetua processos de dissolução persistentes e a mistura de domínios *a priori* separados (Kayser, 1986, p. 159). Esse é o caso das dualidades simbólicas referidas por Douglas, notadamente a vida e a morte, o que resulta em algo *fora do lugar*. Por essa razão, os mortos-vivos vivem forçosamente *fora* da sociedade dita normal. Em se tratando de figuras intersticiais, o perigo e a ameaça que representam, “através da ocupação simultânea de um corpo que é ao mesmo tempo vivo e morto, cria um dilema para as relações de poder e um risco de destruir as dinâmicas sociais” (Lauro & Embry, 2008, p. 90).

A condição “ambígua e limítrofe” (Ginzburg, 1991, p. 50) dos hansenianos também os situa como figuras de fronteira. Arquétipos da impureza e representações da morte em vida, sua mera existência resulta em perturbações na ordem natural e na violação de categorias pré-concebidas, assim como os mortos-vivos do imaginário, aos quais se assemelham. Por essa razão, foram forçosamente disciplinados, segregados e postos em isolamento ao longo dos séculos, a fim de prevenir o contágio e mesmo suas atividades reprodutivas (Foucault, 2011). No Brasil, até as primeiras décadas da República, era frequente “o cenário de famílias

¹² O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 73.

inteiras de leprosos, como ciganos errantes por estradas e cidades, sobrevivendo ao descaso das autoridades sanitárias diante da exclusão e do estigma” (Santos *et al.*, 2008, p. 169), pois via-se aos hansenianos como uma ameaça à civilização e, assim como suas contrapartes ficcionais, símbolo da completa “negação do indivíduo” (Lauro & Embry, 2008, p. 95); e aqueles imaginados nestes termos, em uma determinada sociedade, tornam-se necessariamente uma *anti-vida* que deve ser apartada a todo custo, sob o jugo do bio-poder. Aqui, chegamos à ideia de “inadequação” (Santos & Silva, 2020, p. 17) do hanseniano no contexto das sociedades modernas. Todavia, deve-se ressaltar que o estigma, o preconceito e a representação deles como objetos de horror antecedem a modernidade em milênios.

Entre o estigma, a violência e a segregação

Doença infectocontagiosa de caráter crônico, a hanseníase pode ter afetado a humanidade desde eras remotas, ainda que o micro-organismo causador da doença seja de distinção clínica e definição etiológica relativamente recentes, ocorridas no final do século XIX (Browne, 1975, p. 486). Todavia, se nos dias de hoje os medos relacionados à saúde parecem ilimitados, já que “nascemos e crescemos numa cultura de medo” (Glassner, 2003, p. 11), as ansiedades sociais profundas em torno das epidemias – e por elas desencadeadas, de modo historicamente uniforme – remontariam à “bíblica repulsa pela lepra” (Dendle, 2001, p. 12). No Antigo Testamento atribuíam-se ao leproso um caráter “impuro” (Jackson, 1910, p. 1), ao passo que a Lei de Moisés¹³ o considerava um “indivíduo imundo” e determinava seu rigoroso afastamento das pessoas sadias (Santos & Silva, 2020, p. 16), exigindo raspar-lhe a cabeça e rasgar as roupas.¹⁴ A Bíblia também relata as lamentações de Jó: “Que morra o dia em que nasci!”. Aos amigos que foram ao seu encontro, acrescenta: “Vêm visitar-me, porém logo que lhes mostro a chaga, têm verdadeiro horror!”.¹⁵ Contudo, o termo hebraico *tsara’ath* (traduzido como lepra) era bastante genérico e estaria mais relacionado à contaminação ritualística, não a uma doença específica; portanto, não dá respaldo científico à existência da hanseníase na antiga Palestina. Além disso, o termo grego *lepra*, usado no primeiro século da era cristã, podia englobar vasta gama de doenças de pele (Browne, 1975, p. 486). Por sua vez, a matéria “O horror pela lepra através dos séculos”, da *Eu Sei Tudo*, situa as origens da hanseníase na Índia: “de seus rios rolando os cadáveres, de seus pântanos brilhando sobre florestas espessas, parece ter surgido a lepra para infectar o universo”; e conclui que os versos deixados por um poeta hindu em 2.500 a.C. traduziam o horror dessa doença:

Que se esconda e que viva afastado sobre leito de cão em companhia dos animais imundos, o que tiver o corpo coberto de pústulas, porque ultraja a própria luz! Que sejam expulsos das cidades a pedradas e que os cubram de detritos porque são detritos vivos! Que os rios divinos

¹³ No contexto judaico cristão, refere-se a um conjunto de regras e proibições instituído aos judeus no período pós-êxodo (Santos & Silva, 2020, p. 16).

¹⁴ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 73.

¹⁵ Idem.

*vomitem seus cadáveres!*¹⁶

Browne corrobora a afirmação, ao apontar que os primeiros registros da hanseníase vêm da Índia¹⁷ e remontam a 600 a.C., já que as referências anteriores a essa data não parecem convincentes do ponto de vista científico. Da Índia, a doença teria “invadido” a Síria, a Arábia, a Assíria e o Egito, “corroendo progressivamente as regiões, como corrói as carnes”, nos termos do periódico supracitado.¹⁸ Finalmente, chegou à Grécia – possivelmente por intermédio de soldados do exército de Alexandre, o Grande que retornavam de uma campanha na Índia em 327-326 a.C. (Browne, 1975, p. 486) – e depois a Roma, através dos escravizados e dos despojos da conquista. Segundo consta, a hanseníase não teria encontrado terreno fértil na Itália, o que a fonte atribui à higiene dos romanos. Porém, com a queda do Império, as transformações gerais na Europa e o subsequente cenário de pilhagens, massacres e fome teriam propiciado novos focos da doença. Na Inglaterra feudal, por exemplo – “a febre e a peste ou o flagelo mais terrível da lepra infectaram os miseráveis casebres dos subúrbios das cidades” (Green como citado em Browne, 1975, p. 489) – teria ganhado proporções epidêmicas na Idade Média. Browne discorda deste cenário. Com base nas fontes históricas, infere que a lepra era de fato generalizada, mas parecia não afetar muitas pessoas em uma mesma comunidade (1975, p. 490). Já as reações emocionais estavam calcadas no estigma e no medo:

*Aterrorizada, a população sadia [expulsa os leprosos] a pauladas. Em várias cidades viram-se massas compactas premir-se às portas, tentando abri-las. Esmagavam-se contra as muralhas, seminus, morrendo de fome, implorando a piedade e repelidos com violência pelos homens de armas. As estradas se cobriram com esses tristes proscritos, que iam vestidos de farrapos, implorando um pão, exibindo suas chagas. Os poderes públicos não tiveram piedade. Foram tomadas medidas de último rigor contra os leprosos. Logo que os primeiros sintomas do mal se manifestam em um indivíduo, se ele próprio não assinala seu caso, é denunciado pelos vizinhos, muitas vezes por seus amigos e parentes!*¹⁹

Ainda de acordo com a matéria da *Eu Sei Tudo*, a “imaginação popular” da Idade Média acusava os hansenianos de envenenar as fontes, queimar as colheitas, praticar feitiçaria e matar crianças.²⁰ Por essa razão, muitos seriam massacrados em várias partes do continente europeu, onde há registros de pessoas levadas à fogueira e enterradas vivas (Browne, 1975, p. 489). Conforme Ginzburg identificou, relatos de extermínio de hansenianos remontam ao século XIV, prática decorrente dos medos do contágio e de uma suposta conspiração contra a humanidade. Dizia uma crônica do mosteiro de Santa Catarina de Monte Rotomagi: “Em todo

¹⁶ Como citado em O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo*, p. 73-78.

¹⁷ Conhecimentos científicos atualizados apontam que o maior número de casos da hanseníase ocorre nos países tropicais e subtropicais. A Índia ocupa a primeira posição (com 75% dos casos mundiais), seguido pelo Nepal, Brasil, Sudão, Moçambique, Madagascar e Angola (Santos et al, 2008, p. 171).

¹⁸ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 73.

¹⁹ Idem, p. 74.

²⁰ Idem.

o reino da França, os leprosos foram aprisionados e condenados pelo Papa; muitos foram mandados para a fogueira [...]. Alguns confessaram ter conspirado para matar todos osãos [...] para ter o domínio sobre o mundo inteiro” (como citado em Ginzburg, 1991, p. 43). O inquisidor dominicano Bernardo Gui, por sua vez, acusou os “doentes no corpo e na alma” de terem espalhado pó envenenado nas fontes, nos poços e nos rios para transmitir a lepra aosãos e fazê-los adoecer ou morrer (como citado em Ginzburg, 1991, p. 43). Em princípio, tais acusações inflamaram a histeria em diversas localidades, resultando na perseguição, no massacre e nas subseqüentes políticas de segregação dos hansenianos em caráter perpétuo, as quais previam, inclusive, a separação de homens e mulheres a fim de que não pudessem mais causar prejuízos aosãos, nem ao menos se reproduzir. Tais políticas perdurariam através dos séculos.

Pela primeira vez na história da Europa, estabelecia-se um programa de reclusão tão maciço. Nos séculos seguintes, aos leprosos se seguiriam outras personagens: loucos, pobres, criminosos, judeus. Mas os leprosos abriram o caminho. Até então, apesar do medo de contágio, que inspirava complexos rituais de separação [...], os leprosos viviam em instituições de tipo hospitalar, quase sempre administradas por religiosos, bastante abertas para o exterior, nas quais se entrava voluntariamente. Na França, a partir daquele momento, passaram a ser segregados em caráter perpétuo em lugares fechados (Ginzburg, 1991, p. 45).

Na Idade Média, áreas de reclusão surgiram fora das cidades, das aldeias ou de edificações religiosas, em terrenos cingidos por altos muros; ficariam conhecidas como *leprosários* ou *gafarias*, os quais “combinavam as funções de prisão, mosteiro e asilo, em resposta à necessidade de isolamento e segregação” (Browne, 1975, p. 489). Aos hansenianos também se impunha a necessidade de usarem roupas específicas e sinais de reconhecimento, prática estigmatizante que não apenas reforçava sua condição de párias ou proscritos, como também trazia à tona o que Ginzburg denominou de “associação de implicações simbólicas” com os judeus – lugar-comum entre os séculos XIII e XIV, embora remontasse à Antiguidade, já que ambas as populações foram relegadas às margens. No imaginário medieval, os *cagots* ou “leprosos brancos” distinguiram-se dosãos apenas pela ausência dos lobos das orelhas e pelo hálito fedorento; ainda assim, deveriam portar um distintivo vermelho no peito ou nas costas. Na avaliação do autor, o estigma costurado nas roupas denotava profundo estranhamento físico com relação aos portadores da doença, o que interpretamos como o esforço de transferir para outrem a carga da doença, em nível individual – a começar pelos seus efeitos no corpo e pelo contágio iminente – e em nível social – diante de eventuais focos epidêmicos e do sem-número de condenados à existência deplorável ou à morte –, o que se pode relacionar ao medo da peste. Os escritos do religioso português F. de Santa-Maria, datados de finais do século XVII, esboçam um cenário em que a doença foge ao controle:

A peste é sem nenhuma dúvida, entre todas as calamidades desta vida, a mais cruel e verdadeiramente a mais atroz. É com grande razão que é chamada por antonomásia de o Mal. Pois não há sobre a terra nenhum mal que seja comparável e semelhante à peste. Desde que se acende

num reino ou numa república esse fogo violento e impetuoso, veem-se os magistrados atordoados, as populações apavoradas, o governo político desarticulado. A justiça não é mais obedecida; os ofícios parados; as famílias perdem sua coerência e as ruas, sua animação. Tudo fica reduzido a uma extrema confusão. Tudo é ruína. Pois tudo é atingido e revirado pelo peso e pela grandeza de uma calamidade tão horrível. As pessoas, sem distinção de estado ou de fortuna, afogam-se numa tristeza mortal. Sofrendo, umas da doença, as outras do medo, são confrontadas a cada passo ou a cada morte, ou com o perigo. Aqueles que ontem enterravam, hoje são enterrados e, por vezes, por cima dos mortos que na véspera haviam posto na terra. Os homens temem até o ar que respiram. Têm medo dos defuntos, dos vivos e de si mesmos, pois que a morte muitas vezes envolve-se nas roupas com que se cobrem e que a maioria servem de mortalha, em razão da rapidez do desfecho [...]. As ruas, as praças, as igrejas cobertas de cadáveres apresentam aos olhos um espetáculo pungente, cuja visão torna os vivos invejosos da sorte daqueles que já estão mortos. Os locais habitados parecem transformados em desertos e, por si só, essa solidão inusitada aumenta o medo e o desespero. Recusa-se qualquer piedade aos amigos, já que toda piedade é perigosa. Estando todos na mesma situação, mal se tem compaixão uns dos outros. Estando sufocadas ou esquecidas, em meio aos horrores de tão grande confusão, todas as leis do amor e da natureza, as crianças são subitamente separadas dos pais, as mulheres dos maridos, os irmãos ou os amigos uns dos outros – ausência desoladora de pessoas que são deixadas vivas e que não se voltará a ver (como citado em Delumeau, 1989, pp. 121-122).

No ano de 1930, "O horror pela lepra através dos séculos" estimou que houvesse no mundo um milhão de portadores da doença. Aproximando-se do cenário descrito por Santa-Maria, a matéria menciona uma epidemia que teria devastado as províncias de Bergen e de Trondjhem, na Noruega, nos anos que precederam a sua publicação, ao passo que as colônias francesas do Tonkin e de Madagascar "formigam de leprosos". Afirmar ainda que a doença continuava a prosperar no oriente e no extremo-orient, onde supostamente nada se fazia para melhorar o estado dos enfermos, que viviam em meio à imundície.²¹ Deve-se ressaltar, no entanto, que o referido texto parte do ponto de vista de uma cultura colonialista – portanto, eurocêntrica e etnocêntrica – que "construiu um sentimento de superioridade ontológica da Europa em relação às 'raças inferiores desregradas'" (Shohat & Stam, 2006, p. 45), às quais os hansenianos muitas vezes foram, parafraseando Ginzburg, simbolicamente associados. No sentido de estigmatizar a diferença, a matéria aproveitou o ensejo para descrever os asiáticos sob os signos da impureza, definindo-os como antítese dos povos ditos civilizados, ao mesmo tempo que denunciou os maus-tratos e as violências infligidos por eles contra os hansenianos – práticas estas que, não obstante, eram correntes em várias partes do mundo, inclusive no continente europeu. Nos periódicos brasileiros do período analisado, conforme veremos a seguir, a representação dos hansenianos ancorava-se nessas mesmas bases.

²¹ Idem, p. 73.

Mortos entre os vivos: a hanseníase nos periódicos de início do século XX

Se “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (Sodré, 1999, p. 1), podemos dizer que os impressos, na realidade crescente de sua circulação, desempenharam papel significativo nas transformações culturais, sociais e políticas que culminaram na modernidade. Douglas Kellner fala em uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que os indivíduos forjam suas identidades. Essa “cultura da mídia”, constituída pela imprensa, entre tantos outros produtos da indústria cultural, organiza-se com base no modelo de produção de massa, mediante fórmulas, normas e códigos convencionados. Na esteira do capitalismo e da consolidação do poder burguês, portanto, os impressos ajudavam a “modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos”, definindo o que era “considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (2001, p. 9).

Diante disso, é necessário situar as fontes analisadas – isto é, jornais e revistas noticiosas publicados em diferentes estados brasileiros nas primeiras décadas do século XX – em sua historicidade, sem perder de vista suas idiossincrasias e as relações com o mundo que os produziu. Afinal, a cultura impressa daquele período disseminava os valores e os medos das sociedades burguesas modernas, as quais se empenhavam no combate às doenças por meio de rigorosas medidas sanitárias e profiláticas, preocupadas com a higiene e sua ausência, isto é, com a impureza. Se esta noção, no contexto judaico cristão, tornava os hansenianos inaptos à convivência com aqueles considerados puros na presença divina, eles passariam a ser vistos na modernidade como inadequados à vida em sociedade. Decerto, “essa inadequação é pensada quando consideramos as noções de sanitização das sociedades modernas e a necessidade de purificar os ambientes urbanos dos indivíduos ditos impuros” (Santos & Silva, 2020, p. 17). Não por acaso, os impressos constantemente os associavam a objetos de horror; mais especificamente, aos mortos-vivos.

Exemplo supracitado, bastante representativo para a nossa argumentação, “O horror pela lepra através dos séculos” apresenta uma descrição grotesca do hanseniano, então visto como pária ou proscrito e relegado ao isolamento da humanidade. Essa matéria afirma que “assistir, em vida, à decomposição do próprio corpo, ler nos olhos dos outros o asco e o terror que se lhes inspira”, equipara-se a evocar no espírito “a atroz visão de um *ser monstruoso* corroído lentamente por uma podridão que nada pode deter”. Também o define como “*cadáver vivo* que não espera a grande noite do túmulo para se decompor”.²² Para fins de fundamentação, recorre ainda a um autor anônimo da antiguidade que teria deixado um “terrível retrato”:

A pele do rosto fica cheia de tubérculos, que se transforma em úlceras, que nada pode secar; crostas marrons e púrpuras, amarelas e brancas, se superpõem como escamas de peixe. As orelhas gangrenosas afastam-se da cabeça e seus óbolos não tardam a cair; os cabelos caem em certos pontos, deixando no lugar largas placas sanguinolentas, enquanto que,

²² Idem.

*dos lados, se eriçam em tufos; dois carvões em brasa luzem no lugar dos olhos. Os lábios se tumeficam, violação. Braços e pernas desaparecem sob enormes tumores nauseabundos. Os ossos se transformam em uma substância esponjosa e sem resistência e, às vezes, os membros caem do corpo aos pedaços.*²³

A descrição acima refere-se à forma cutânea da hanseníase, cujos sintomas transformativos atacam os tecidos e consomem os aspectos fisionômicos. Nesse estágio, a abjeção e a monstruosidade estão inscritas no corpo e a aparência de “cadáver vivo” reforça o caráter intersticial, contraditório e indubitavelmente impuro do portador da doença, que seria, portanto, um morto-vivo. O excerto emprega o verbo *transformar-se* (“que se transforma”), referindo-se a uma mudança de forma, aspecto ou condição; em seguida, aponta mudanças físicas consideradas repulsivas – gangrena, úlceras, tumores –, utilizando-se de adjetivos frequentemente associados aos monstros das histórias de horror. Em se tratando das crostas que se formam na pele, sua comparação com as escamas de peixe evoca a fusão de espécies, traço igualmente característico de alguns desses personagens. Por fim, a chocante observação de que “os membros caem do corpo aos pedaços” denota a “incompletude categórica” (Carroll, 1999, p. 52) também recorrente nos monstros, por vezes desprovidos de olhos, braços, pernas, ou em estado avançado de decomposição. Este processo, não podemos esquecer, Ariès definiu como uma representação da morte (2012, p. 222).

Décadas antes, no entanto, a cultura impressa já atribuía aos hansenianos uma imagem horrífica. É o caso do jornal sul-mineiro *A Campanha*, em dois excertos selecionados. O primeiro foi extraído de uma crônica natalina de Coelho Neto, de 4 de janeiro de 1902:

*Encolhido no lar, longe das gentes, canta. A pele roxa tressua, os olhos se encovam – é uma mandrágora viva. A lepra já vai lhe roendo os dedos, os lábios, as pálpebras, as orelhas, e ele, vendo-se aos poucos destruir, sofre calado ou geme solitário. A fonte amiga é um espelho – sempre que a sede o leva às águas claras, a sua sombra nas águas o repele. Os que passam desviam os olhos dele, as esmolas lhe são jogadas, a própria misericórdia tem repugnância – ninguém o procura, os cães evitam morde-lo, mas o sol todas as manhãs, lá vai ao seu monturo e afaga-o... o sol apenas, esse não tem nojo e tanto basta ao para que ame a vida.*²⁴

No trecho acima, a definição do hanseniano como “mandrágora viva” – em alusão à planta filamentosa cuja raiz tem forma semelhante à da figura humana – deve-se, possivelmente, à sua aparência e às lesões na pele. O autor também se refere aos efeitos transformativos da fase cutânea da doença ao indicar que a mesma “já vai lhe roendo os dedos, os lábios, as pálpebras, as orelhas”. Contudo, a principal reflexão da crônica gira em torno do isolamento e do estado de abandono desse personagem, que perambula pelas ruas da cidade, mas vive

²³ Idem.

²⁴ O leproso. (1902, 4 de janeiro). *A Campanha*, p. 4. Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort. O local de consulta não se repetirá nas próximas ocorrências desta fonte.

na completa solidão. Assim, revelam-se o flagelo da doença e seus contrastes: o “leproso solitário” é, sobretudo, um “infeliz” que afugenta os olhares e os cães sequer ousariam morder, mas é digno de misericórdia.

O segundo excerto, extraído de “Cura da morfeia”, matéria publicada no *A Campanha*, em 19 de abril de 1903, também encontra no flagelo o seu mote: “no compêndio das aflições que contínua e fatalmente manuseia a humanidade sofredora, nada aflige e contrista mais o homem que o mal de S. Lázaro”. Após descrever as origens orientais da hanseníase e sua disseminação no mundo – como a revista carioca *Eu Sei Tudo* faria décadas mais tarde –, a matéria cita os esforços da ciência a fim de encontrar a cura. Diz que Francisco Antônio de Araújo teria liderado essa empreitada, chegando a resultados satisfatórios através de estudos e pesquisas “para que se debelasse tão repugnante moléstia”. A motivação desse farmacêutico, residente na cidade mineira de Sabará, teria sido o adoecimento de sua esposa e o desejo de salvá-la, mas ela acabou não resistindo. Apesar dos elogios às implicações beneméritas de seu trabalho, o texto conclui que “o mal continua na sua marcha de devastação”, e que seu portador

pelo estado especial de sua moléstia, além das úlceras que o mortificam, do aspecto medonho de suas chagas e da ozena característica que o torna nauseoso, é um exilado da sociedade que dele foge como de um foco epidêmico, já pelo pânico, já pelo asco que causa tão horripilante estado mórbido, e ficando isolado e quiçá entregue ao desprezo de seus concidadãos.

É o leproso um infeliz fora da comunhão social, e de ordinário vive só ou em companhia de seus irmãos de infortúnio, habitando modestíssimo tugúrio afastado do povoado; e aí nesse recanto deixa correrem os dias de sua amargurada existência até que a morte, mais piedosa do que a sociedade, dá-lhe o seu beijo fatídico, e o pobre, que foi sempre um morto entre os vivos, encontra finalmente repouso e abrigo nessa mesma terra que durante toda a sua vida lhe foi tão ingrata e avara.²⁵

A matéria ressalta a segregação e a marginalização do hanseniano através dos epítetos de “desgraçados párias” e “infelizes exilados”, situando-os “fora da comunhão social”, isto é, *fora* do mundo normal. O fato de que ele vivia isolado em casebres rústicos como um “morto entre os vivos” – epíteto frequentemente relacionado ao seu “aspecto medonho” e “nauseoso” – reforça sua associação com os monstros das histórias de horror, os quais vivem, por convenção, em lugares marginais, ocultos ou abandonados, seja nos cemitérios, nas velhas casas ou nos remanescentes da sociedade pós-industrial. A analogia salta à vista, posto que a aparição dos monstros na ficção provoca repugnância, repulsa, náusea, abominação e sensações correlatas. Nas palavras de Carroll, o fato destes personagens “serem previsivelmente objetos de nojo e de repulsa é uma função da maneira como eles violam nosso esquema classificatório” (1999, p. 263), desafiando as categorias pré-existentes. Enfim, a matéria alerta para o caráter ameaçador e impuro dos “morféticos”, cujos corpos descreve não apenas como motivo de “pânico” e “asco”, mas como um “foco epidêmico” em si.

²⁵ Cura da morfeia. (1903, 19 de abril). *A Campanha*, p. 2-3.

Todavia, devemos destacar que a repulsa e o medo do contágio não eram dispensados exclusivamente aos portadores da lepra. Em 19 de setembro de 1904, o mesmo jornal alardeava sobre os rumores de haver em Campanha um varioloso, cuja presença teria causado pavor na população da cidade sul-mineira. Diante disso, algumas casas se fecharam e passaram por rigorosa desinfecção.²⁶ Era sabido que a varíola, assim como a lepra, podia deixar na pele marcas aparentes, as quais provocavam semelhante repugnância. A esse respeito, a revista carioca *Eu Sei Tudo* apresentaria o conhecimento corrente de que “todo o varioloso conserva as faces, o nariz e a fronte crivados de cicatrizes”.²⁷ No fim dos anos de 1910, o governo de Minas Gerais lançou as bases de um plano de profilaxia a fim de combater, “pelas obras de engenharia sanitária, as endemias e epidemias que, desgraçadamente, infestam este e outros estados” – a exemplo da “sífilis avassaladora”.²⁸ Em meados da década seguinte, eram motivo de grande preocupação os casos de tuberculose pulmonar que se alastravam progressivamente na cidade sul-mineira, pondo em risco a vida de seus habitantes. A matéria de 14 fevereiro de 1926 do *A Campanha* fala da “invasão subterrânea, traiçoeira, insidiosa do flagelo terrível”, então conhecido como “peste branca”, atribuindo ao tuberculoso signos da impureza e da monstruosidade, seja pelo seu potencial de contágio, seja pelo seu “formidável poder de dissimulação”, que “exerce com uma argúcia incomparável”.²⁹

A edição de 17 de novembro de 1929 do *O Campanhense*, publicada naquela mesma cidade apenas três anos depois, trouxe um relato dos mais dramáticos. A matéria “Ainda sobre o problema da lepra” inicia com uma estimativa de que existiriam no Brasil cerca de 30 mil hansenianos, os quais viviam “sem o menor isolamento e assistência, em prejudicial promiscuidade com pessoas sãs, constituindo, deste modo, séria e constante ameaça para a sociedade”. Em seguida, aponta que “há ainda entre leprosos – as mais das vezes entre os que se apresentam em pior estado, horrendamente deformados – a velha e estúpida lenda de que, para se curarem, devem transmitir a moléstia a sete pessoas”. Afirma ainda que “não são raros os exemplos de morféticos que atacam e mordem pessoas sãs, de preferência as crianças, que, inermes, não lhes podem opor resistência à agressão assassina”. Enfim, narra um “fato horripilante” ocorrido durante os festejos do jubileu de Congonhas, em Minas Gerais. Na ocasião, umromeiro, acompanhado de sua filha pequena, resolveu distribuir a quantia de 20\$000 entre os “lázaros”. Porém, antes que o homem conseguisse realizar os donativos, um “morfético” de aparência jovem raptou a criança e desapareceu na multidão. Abalado, o pai saiu no encalço de “repelente criatura”, encontrando-a somente horas depois com o auxílio da polícia. Ele então descobriu que o “maldito”, na ânsia de se ver curado, tentava “contaminar a infeliz menina, cujo corpo, pelas mordeduras do monstro, era uma chaga viva”. Por fim, a

²⁶ Idem.

²⁷ Marcas de variola. (1933, março). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 14.

²⁸ O saneamento do estado de Minas. (1918, 10 de julho). *A Campanha*, p. 2.

²⁹ Defesa da cidade contra a tuberculose. (1926, 14 de fevereiro). *A Campanha*, p. 2.

polícia narrou “a antiga história das sete vítimas que cada um deles deve fazer para alcançar a cura. Aquela menina era a sua terceira vítima”.³⁰

Temos, no exemplo acima, uma representação grotesca do hanseniano, que nos permite associá-lo os monstros das histórias de horror; com os mortos-vivos mais especificamente, já que se convencionou relacioná-los à forma física decadente e ao ato do canibalismo. Decerto, a ideia de flagelo contagioso suscita a correlação “entre imagens de contaminação nas obras de horror e a tendência que os personagens têm de se esquivar do toque das criaturas horríficas. Ou seja, como tais criaturas são identificadas ou associadas à contaminação, teme-se qualquer contato com seus corpos infames” (Carroll, 1999, p. 45). Nesse sentido, o ataque à criança e o risco de contaminá-la remetem não apenas ao caráter repulsivo do morto-vivo, mas à necessidade do monstro de transferir sua carga – isto é, sua condição de impureza – através da mordida e do contágio (Nazário, 1998). Lendas análogas à das sete vítimas parecem residir no imaginário há séculos. A revista *Eu Sei Tudo*,³¹ por exemplo, faz menção à crença medieval de que a hanseníase poderia ser curada com banhos mornos de sangue humano. Ambas as histórias tratam de fluidos considerados impuros, que são, por esse motivo, intersticiais e provocam nojo pois atravessam as fronteiras das categorias profundas do esquema conceitual da cultura. Nessa lógica, Douglas sugere que todas as secreções corporais seriam poluentes, inclusive o sangue e a saliva, e o próprio ato de comer pode transmitir impureza (1991, p. 48). Afinal, “é sempre pela boca que o zumbi se alimenta, e é neste local que a fronteira física entre zumbi e o não-zumbi se oblitera, através da mordida” (Lauro & Embry, 2008, p. 99). Ele, portanto, “nunca atacará outro zumbi; infectará e alimentar-se-á daqueles que não partilham da opressão do seu estado. [...] De certo modo, destina-se a transferir a sua carga, mas o resultado é a multiplicação da sua condição” (Reis Filho, 2018, p. 87). A noção também faz eco aos conhecimentos científicos disponíveis no início do século XX, já que estudos preliminares levaram Leloir a identificar o bacilo da lepra na saliva, e sua presença no sangue era das questões mais significativas (Honeij, 1915, p. 378, 379).

Porém, sabe-se que a imagem dos hansenianos enquanto seres impuros e objetos de horror remonta há milênios. A matéria da *Eu Sei Tudo* elenca a represália cruéis que sofreram através dos tempos: do apedrejamento, na antiguidade; aos linchamentos e à morte na fogueira, comuns na Idade Média europeia; à prática corrente na China imperial de sepultá-los ainda vivos, muitos dos quais, a fim de se proteger, agrupavam-se, ocupavam aldeias e matavam, implacavelmente, todos que nelas chegassem.³² Tais tratamentos, em alguns casos, perduraram até a modernidade. Sabemos que o medo e a repulsa converteram os doentes em párias, relegando-os historicamente ao isolamento da humanidade. Primeiro, fora das muralhas das cidades; depois, nos chamados “leprosários”, cujas origens a referida matéria também situa no período medieval. O anátema “faz-nos compreender o que havia de particularmente atroz na situação do leproso afastado implacavelmente da comunidade social”. Ele era “expulso

³⁰ Ainda sobre o problema da lepra. (1929, 17 de novembro). *O Campanhense*, [s.p.]. Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort. O local de consulta não se repetirá nas próximas ocorrências desta fonte.

³¹ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 74.

³² Idem, p. 75.

vergonhosamente das cidades, acumulado de maldições, não deverá conhecer mais nem cidade, nem lar, nem família!"; e, no momento final, "um último consolo lhe é implacavelmente recusado: o de orar nos templos implorando a misericórdia dos céus".³³

Em seguida, a matéria descreve a disseminação da hanseníase pelo mundo e a existência de lugares de reclusão semelhantes nas Américas e no Oriente. Era o caso, respectivamente, do leprosário Agna de Dios, na Colômbia, e do Asilo de Kumamoto, na ilha japonesa de Kyushu.³⁴ Neste último, também mencionado por Jackson em seu livro – dedicado às missões religiosas europeias que se enveredaram na Índia e no Leste Asiático entre de 1874 e 1910, para prestar assistência aos enfermos –, diz-se que o trabalho no campo erguia a moral "d'esses infelizes".

Figura 1 - Sala das mulheres no leprosário Agna de Dios, na Colômbia.³⁵



Figura 2 - Internos do Asilo de Kumamoto, no Japão.³⁶



³³ Idem, p. 73.

³⁴ No Japão a segregação dos leprosus ainda era obrigatória nos anos de 1990. Dados de acesso com: Pons, P. (1996, 11 de fevereiro). Japão: ainda fim de exclusão de leprosus. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/11/mundo/7.html>.

³⁵ Fonte: O *Opúsculo dos Mortos-Vivos*, 1930, dezembro, *Boletim Toda a Realidade*, nº 10, p. 74.

³⁶ Fonte: Jackson, J. (1910). *Lepers: thirty-six years' work among them*, p. 187.

O medo do contágio, portanto, resultou em políticas de segregação com vistas a isolar a impureza e conter a disseminação da doença. No Brasil, os leprosários se espalharam ao longo do século XX como espaços de internação permanente e compulsória, com vistas a separar os enfermos da sociedade e evitar que se tornassem obstáculos à prevenção da doença (Santos et al, 2008). Entre eles, destaca-se o Hospital Colônia de Curupaiti, inaugurado em 1928 no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Figura 3 - Página da revista *O Século Ilustrado* (1946, 16 março).



Na sua edição 16 de março de 1946, a revista portuguesa *O Século Ilustrado* dedicou a essa instituição uma reportagem fotográfica abrangente, intitulada “40.000 leprosos vivem isolados do mundo: uma cidade modelo de mortos-vivos, no Brasil”. Conforme se lê:

*Curupaiti, nova cidade da felicidade filosófica, lembra de perto Shangrilá, o lendário e maravilhoso país do filme “Horizontes perdidos”. No entanto, Curupaiti é a cidade dos leprosos, a urbe dos mortos-vivos. Fica a poucos quilômetros do Rio de Janeiro e é uma das maravilhas do mundo porque os doentes condenados a uma morte lenta ali criaram o seu paraíso. O governador, o prior, a mestre-escola, os médicos, os engenheiros, os diretores de cinema, os presidentes dos clubes desportivos, os jardineiros e os carcereiros duma prisão sem presos – todos são leprosos.*³⁷

³⁷ 40.000 leprosos vivem isolados do mundo: uma cidade modelo de mortos-vivos, no Brasil. (1946, 16 março). *O Século Ilustrado*, [s.p.]. Recurso online.

Propagadores da visão de mundo da sociedade burguesa, os periódicos de início do século XX defendiam abertamente rigorosas medidas sanitárias, que incluíam a segregação dos doentes. Na sua edição de 1929, *O Campanhense* ressalta a urgência de um “plano de combate decisivo à lepra [...], isolando os portadores do mal de Lázaro em colônias agrícolas”.³⁸ Porém, ao mesmo tempo em que descreviam os hansenianos como objetos de horror destinados a “prisões infectas”,³⁹ havia também espaço nos impressos para conjecturas mais positivas. Em maio de 1930, a revista *Eu Sei Tudo* indagou se haveria um tempo, no futuro, em que a hanseníase não seria contagiosa, questionamento este que emprestou o título para a sua matéria; recorreu, então, à “Missão Norte-Americana para Prevenção e Cura da Lepra”, que realizara uma conferência em Nova York com a participação de especialistas de todo o mundo. A assembleia teria concluído que a “terrível moléstia” já não devia ser considerada contagiosa, nem condicionada à reclusão absoluta dos enfermos. Diante disso, orientou pôr “um termo ao horror insopitável que sempre suscitou essa terrível enfermidade, horror que condenava os infelizes por ela atacados a um isolamento implacável, que os apagava, por assim dizer, do mundo dos vivos”.⁴⁰ De acordo com a matéria, ficou documentado que vinte e um portadores da doença viviam livres naquela cidade, sob a vigilância do Departamento de Higiene. Todavia, nota-se que a representação dos hansenianos como imagens da morte e sua associação com mortos-vivos ainda era corrente, e permaneceria sob os signos da impureza e do horror.

Considerações finais

No campo discursivo, o viés dos textos jornalísticos analisados reproduzia os valores prevaletentes da sociedade burguesa, os quais eram definidores da moralidade e da conduta social. Assim sendo, os periódicos de início do século XX não apenas defendiam de forma contundente, por vezes inflamada, rigorosas medidas sanitárias e de controle social em face do medo e da ameaça que a lepra alegadamente interpunha à modernização do país; também clamavam por políticas de segregação e reclusão dos enfermos, práticas estas que não eram novas, mas se institucionalizaram na modernidade. Naquele contexto, em que os hansenianos eram representados não como doentes, mas como objetos de horror, entendia-se os mesmos como a negação de uma sociedade que acreditava-se caminhar rumo à saúde e à higiene. Estas, enquanto sinônimos do progresso e da civilização, preconizavam a necessidade de purificar os ambientes urbanos dos indivíduos considerados impuros, vistos como párias e proscritos ou mesmo como seres monstruosos. Enquanto imagem da morte, a própria existência dos hansenianos era considerada intersticial, anômala e contraditória, ao passo que testava os limites da ciência moderna, manifestando-se como um obstáculo para os preceitos de sanitarismo e higiene da sociedade burguesa. Associados historicamente aos arquétipos da impureza e do contágio, bem como aos mortos-vivos do imaginário – figuras intersticiais que transcendem as fronteiras entre a vida e a morte –, os hansenianos eram descritos nos impressos

³⁸ Ainda sobre o problema da lepra. (1929, 17 de novembro). *O Campanhense*, [s.p.].

³⁹ O horror pela lepra através dos séculos. (1930, dezembro). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 78.

⁴⁰ A lepra não será contagiosa? (1930, maio). *Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado*, p. 36.

como figuras monstruosas, que enfatizavam a repulsa diante dos aspectos transformativos da doença; representações estas calcadas no estigma e no preconceito.

Referências Bibliográficas

Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente*. Ediouro.

Ariès, P. (2012). *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias*. Nova Fronteira.

Browne, S. G. (1975). Some Aspects of the History of Leprosy: The Leprosie of Yesterday. *Proceedings of the Royal Society of Medicine*, 68(8), 485-493. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/003591577506800809>

Carroll, N. (1999). *A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração*. Papirus.

Cohen, S. (2014). Zombie. In J. A. Weinstock (Org.). *The Ashgate Encyclopedia of Literary and Cinematic Monsters* (pp. 622-625). Ashgate Publishing.

Delumeau, J. (1989). *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Companhia das Letras.

Dendle, P. (2001). *The Zombie Movie Encyclopedia*. McFarland.

Douglas, M. (1991). *Pureza e perigo*. Edições 70.

Eco, U. (Org.). (2007). *História da feiura*. Record.

Felinto, E. (2008). *A imagem espectral: comunicação, cinema e fantasmagoria tecnológica*. Ateliê Editorial.

Felton, D. (2014). Ghost. In J. A. Weinstock (Org.). *The Ashgate Encyclopedia of Literary and Cinematic Monsters* (pp. 251-253). Ashgate Publishing.

Flint, D. (2013). *El libro de los muertos vivientes*. Ma Non Troppo.

Foucault, M. (1997). *Microfísica do poder*. Edições Graal.

Ginzburg, C. (1991). *História noturna: decifrando o Sabá*. Companhia das Letras.

Glassner, B. (2003). *Cultura do medo*. Francis.

Honeij, J. A. (1915). Leprosy-The Presence of Acid-Fast Bacilli in the Circulating Blood and Excretions [with Discussion]. *The Journal of Infectious Diseases*, 17(2), 376-387. <http://www.jstor.org/stable/30084226>

Jackson, J. (1910). *Lepers: thirty-six years' work among them: being the history of the Mission to Lepers in India and the East, 1874-1910*. Marshall Brothers.

Kayser, W. (1986). *O grotesco*. Perspectiva.

- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. EDUSC.
- Lauro, S. J & Embry, K. (2008). A zombie manifesto: the nonhuman condition in the era of advanced capitalism. *Boundary 2*, 35(1), 85-108. <https://doi.org/10.1215/01903659-2007-027>
- Löwy, M. & Sayre, R. (2001). *Romanticism against the tide of modernity*. Duke University Press.
- McGrath, P. (1997). Transgression and Decay. In C. Grunenberg (Org.). *Gothic: transmutations of horror in late twentieth century art* (pp. 153-158). MIT Press.
- Nazário, L. (1998). *Da natureza dos monstros*. Arte & Ciência.
- Nietzsche, F. (s.d.). *Vontade de potência*. Ediouro.
- Paffenroth, K. (2006). *Gospel of the Living Dead: George Romero's Visions of Hell on Earth*. Baylor University Press.
- Page, M. & Ingpen, R. (1985). *Encyclopedia of things that never were*. Paper Tiger.
- Reis Filho, L. (2012). [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora]. [https://repositorio.ufff.br/jspui/bitstream/ufff/1973/1/luciodefranciscisdosreispiadefilho.pdf](https://repositorio.uff.br/jspui/bitstream/ufff/1973/1/luciodefranciscisdosreispiadefilho.pdf)
- Reis Filho, L. (2018). A usabilidade do morto-vivo na sociedade pós-industrial. In D. Penha & R. Gonsalvez (Org.). *Ensaio sobre mortos-vivos* (pp. 79-106). Aller Editora.
- Santos, L. A. C.; Faria, L. & Menezes, R. F. (2008, junho). Contrapontos da história da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 25(1), 167-190. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982008000100010>.
- Santos, W. S. & Silva, E. G. (2020, abril). A memória sobre a lepra no discurso fundador religioso. *Caminhos - Revista de Ciência da Religião*, 18(1), 13-30. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7809/4356>
- Schmitt, J.-C. (1999). *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Companhia das Letras.
- Shohat, E. & Stam, R. (2006). *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Cosac Naify.
- Sodré, N. W. (1999). *História da Imprensa no Brasil*. Mauad.
- Thomas, K. (1991). *Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. Companhia das Letras.
- Weinstock, J. A. (Org.). (2014). *The Ashgate Encyclopedia of Literary and Cinematic Monsters*. Ashgate Publishing.

Submetido em 30 de junho de 2024

Aprovado em 18 de dezembro de 2024

